

2001 – SESI – Serviço Social da Indústria

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

SESI/DN

Diretoria Técnica

331.101.4+ 377 (072) M294o	Santos, Gilberto Lacerda. Manual orientador para manuseio do material didático integrado destinado à formação de monitores do Projeto. – Brasília: SESI-DN, 2001. 30p. il. Material didático do programa Empresa & Família Qualidade de Vida. 1. Trabalho – empresa – família 2. Trabalhador – Qualidade de vida 3. Trabalho – Educação – Qualidade de vida 4. Aprendizagem humana I. Título
-------------------------------------	--

SESI – Departamento Nacional

SBN Q. 01 Bl. C – Ed. Roberto Simonsen

70040-903 Brasília – DF

Nota sobre o autor

Gilberto Lacerda Santos é professor-adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, onde atua na graduação e na pós-graduação dos programas de Licenciatura em Pedagogia e de Mestrado em Educação. É Analista de Sistemas pela Universidade Católica de Brasília, mestre em Tecnologia Educativa pela Universidade Laval (Canadá), doutor em Educação pela mesma universidade e doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Foi Diretor do Centro de Educação a Distância da UnB, é Coordenador do Laboratório Ábaco e desenvolve atividades de ensino, pesquisa, extensão e consultoria no campo das aplicações educativas das novas tecnologias de comunicação e informação.

Prezado aluno,

O aluno-monitor constitui a espinha dorsal do programa SESI Empresa & Família Qualidade de Vida, sendo seu principal agente disseminador. Nesse sentido, você também participa da parceria estratégica mencionada ao lado.

Este material didático que você tem em mãos representa um esforço estratégico do SESI – Serviço Social da Indústria, em parceria com o FNUAP – Fundo de População das Nações Unidas, no sentido de desenvolver ações preventivo-educativas em assuntos de população e vida familiar, dirigidas ao trabalhador brasileiro e à melhoria de sua qualidade de vida. O programa SESI Empresa & Família Qualidade de Vida, traduzido sob a forma de um mecanismo de educação continuada, autônoma e a distância, procura assim ser disponibilizado a um grande número de trabalhadores a título de instrumento de formação no trabalho, como parte da estratégia requerida para estimular a responsabilidade social da empresa, visando ao desenvolvimento sustentável da nação brasileira. E você, aluno-monitor, é parte integrante e importante neste processo conjunto de construção de conhecimentos, habilidades e atitudes positivas com relação à qualidade de vida do trabalhador no meio familiar e, conseqüentemente, no meio de trabalho. Na medida em que qualidade de vida supõe o atendimento das necessidades humanas fundamentais para que o desenvolvimento ocorra com mais eqüidade e justiça social, o SESI e o FNUAP, ao promoverem este programa, procuram participar ativamente da construção de uma sociedade mais habitável, investindo no capital humano das empresas.

De fato, trabalhadores com melhor qualidade de vida, mais capacitados e mais integrados em seu trabalho, por receberem serviços essenciais à satisfação de suas necessidades básicas, representam um fator de competitividade para as empresas no contexto da sociedade tecnológica emergente e da nova dinâmica do trabalho.

O programa SESI Empresa & Família Qualidade de Vida é desenvolvido no âmbito da Unidade de Negócio Promoção à Cidadania do Departamento Nacional do SESI, sob a gerência da Dra. Ione Maria Fonseca de Melo (imelo@sesi.org.br).

O programa é coordenado pelas técnicas Maria Irani B. Macedo (irani@sesi.org.br) e Walkyria Porto Duro (wporto@sesi.org.br).

Antes de avançarmos na apresentação geral do curso e de seu modo de funcionamento, temos a lhe propor uma leitura de apoio sobre a configuração da sociedade tecnológica e sobre a questão do trabalho nessa sociedade.

Sumário

A formação para o trabalho no contexto da sociedade tecnológica	5
O novo paradigma técnico-econômico	6
O que a empresa tem a ver com a família do trabalhador?	10
O debate internacional sobre a “crise da família”	11
Propostas explicativas para o Brasil	13
Objetivos visados	20
A estrutura do curso	21
Considerações gerais sobre o programa SESI Empresa & Família Qualidade de Vida	22
Alguns elementos teóricos sobre a condução do curso	23
Pequena abordagem teórica sobre a aprendizagem humana	24
Aprendizagem e educação a distância	27



Acesse o curso virtual:
<http://intranet.sesi.org.br>

A formação para o trabalho no contexto da sociedade tecnológica



Sem dúvida, é de seu conhecimento que a sociedade atual passa por grandes transformações, devidas, principalmente, ao advento das novas tecnologias de comunicação e de informação. Todas as esferas da atuação humana são afetadas por essas transformações, inclusive a esfera produtiva. O texto ao lado foi elaborado com a intenção de melhor situá-lo nesse contexto de mudança. Leia o texto e procure explicitar palavras e idéias-chave com relação à configuração da sociedade tecnológica. Reflita sobre o papel da educação nessa sociedade.

Apple, M. W. (1995) As Novas Tecnologias em Educação: Parte da solução ou Parte do Problema? In M. W. Apple, Trabalho Docente e Textos (150-173). Porto Alegre: Artes Médicas.

A sociedade está mudando. O surgimento da chamada “sociedade da informação” ou “sociedade tecnológica” é um fato inegável, que exigirá dos indivíduos uma formação qualitativamente mais ampla para garantir sua permanência no mercado de trabalho. Tal formação ampla pode, no entanto, conduzir a dois caminhos distintos: por um lado tornaria o trabalhador apto para o desempenho de atividades integradas, o que o libertaria da rotina e da parcelização. Tendo em vista os constantes avanços tecnológicos e sua incorporação imediata nas empresas em função da busca pela qualidade total, condição para se manter no mercado, essa formação ampla procuraria injetar em cada trabalhador uma necessidade imperiosa por autoformação continuada, condição para se manter no emprego. É a tese da requalificação. Por outro lado, crê-se que o discurso que advoga uma crescente qualificação da força de trabalho é um mito que visa à manutenção de um modelo de produção que preserva, em sua totalidade, o fetichismo da mercadoria e a alienação. Michael Apple (1995), situando-se nessa perspectiva, constata que a exigência de qualificação tende a diminuir na medida em que as máquinas substituírem o trabalho humano, pois enquanto os computadores se sofisticam, os conhecimentos exigidos para sua utilização declinam. Para Apple (op. cit.), a **tecnologia** não existe para facilitar os processos industriais, mas sobretudo e unicamente para eliminar postos de trabalho nestes tempos de crise do capital. O autor em questão acredita que o futuro terá realmente menos empregados, e isso é inevitável. Além disso, os empregos existentes serão enfadonhos, exigirão pouquíssima qualificação, não serão causadores de satisfação, nem serão bem pagos.



Seja qual for o estágio da mudança, é imprescindível conhecê-lo, buscando elucidar e antecipar os seus efeitos sociais, especialmente no que tange aos trabalhadores, que não estão preparados para enfrentar, com eficácia, esses efeitos, seja no que diz respeito à redução maciça de postos de trabalho, seja no sentido da qualificação para a reestruturação do aparato produtivo.

Ele também presume que as diferenças de classe, de raça e de gênero tenderão a aumentar com o advento da sociedade tecnológica. Conseqüentemente, Apple (op. cit.), advertindo-nos para o fato de que a tecnologia não pode ser vista como um processo autônomo, independente das intenções sociais, do poder e do privilégio, reivindica uma necessária “alfabetização social”, que permitirá às pessoas compreender com seriedade o impacto da ciência e da tecnologia sobre o trabalho, assim como os seus efeitos sociais mais amplos, que indicam que um novo paradigma técnico-econômico está surgindo.

A esse respeito, avance na leitura do texto abaixo, procurando destacar e desenvolver algumas reflexões sobre as características do novo paradigma técnico-econômico.

O novo paradigma técnico-econômico



Carvalho, O. F. (2000) *Novas Tecnologias e Qualificação. SESI-DN: Módulo Didático do Programa de Formação de Formadores em Educação de Jovens e Adultos.*

Desde o final da década de 70, está em curso nos países de economia avançada, especialmente em indústrias de caráter mundial, um novo plano de racionalização, buscando novas formas de organização do trabalho, pela redução da divisão do trabalho e de outras formas de organizá-lo.

Esse novo plano de racionalização, que é engendrado pelo novo padrão de competitividade capitalista, coloca em jogo a sobrevivência de empresas ativas e poderosas na concorrência internacional, levando-as à disputa de uma boa posição nessa nova distribuição de mercados, numa economia globalizada, e evidencia, de forma contundente, que o conhecimento se converteu num elemento indispensável para fazer funcionar o aparato produtivo. Nesse sentido, as novas condições tornam a sobrevivência das empresas uma decorrência de sua capacidade de aprendizagem, e apresenta desafios importantes tanto para as empresas quanto para o sistema educativo: a escola deve saber utilizar seu potencial produtivo e as empresas o seu potencial educativo, sobretudo, num contexto

Existe toda uma mitologia construída em torno da tecnologia e de seu potencial para melhorar a vida humana, conduzindo-nos a uma sociedade melhor. Você já pensou nisso? O cantor e compositor Zeca Baleiro compôs uma música sobre o tema. Leia a letra da música, se puder, ouça-a, e reflita sobre a questão, a forma como é colocada pelo compositor.

Kid Vinil

Kid Vinil quando é que você vai gravar CD

Kid Vinil quando é que você vai gravar CD

Tecnologia existe

Pra salvar o homem do fim

Se você estiver triste

Delete a tristeza assim

E se quiser conversar

Passa um fax pra mim

Time is money God is dead

Have you a nice dream

Acessando a Internet

Você chega ao coração

Da humanidade inteira

Sem tirar os pés do chão

Reza o Pai Nosso em bebraico

Filósofa em alemão

Descobre porque o Michael

Deu chibique na televisão

Milhares de megabytes

Abatendo a solidão

Com a graça de Bill Gates

Salve a globalização

Se o homem foi à Lua

Vai pegar o Sol com a mão

Basta comprar um PC

Aprender o abc da informatização

em que não é suficiente ter conhecimentos, mas é necessário saber produzi-los. Afinal, como sabemos, o que hoje é considerado de última geração em pouco tempo será considerado velho, ultrapassado. Mas, em que consiste esse novo plano de racionalização? No cerne desse processo está a microeletrônica, que com as técnicas de processamento de dados e de comunicação, possibilitou redefinir os princípios e a dinâmica mesma da racionalização até então existente, passando esta de pontual a sistêmica. As estratégias do novo plano de racionalização apontam em duas direções. De um lado, o aspecto do mercado, isto é, mudança para produtos de alta qualidade e diversidade. De outro lado, o aspecto da produção, utilizando as potencialidades das novas tecnologias e compatibilizando, da forma mais abrangente possível, automação e flexibilidade. A trajetória que essas novas estratégias vêm assumindo historicamente evidencia que a automação, iniciada nos anos 50, com a utilização de microprocessadores, se completa agora. Desse modo, o aperfeiçoamento da microeletrônica possibilitou a fabricação de microprocessadores baratos e com grandes possibilidades funcionais, a partir do desenvolvimento de novas matérias-primas e de procedimentos de fabrico, como avanços na tecnologia de medição e manipulação, etc. Todavia, o ajustamento da base técnica é insuficiente para explicar as mudanças que surgem no processo de trabalho. Entram em cena as novas estratégias organizacionais, que têm como elemento central uma nova concepção da capacidade humana de trabalho e, portanto, de novas formas para sua utilização, o que a diferenciaria da racionalização tradicional e taylorista. Dessa perspectiva, os princípios que balizavam a divisão taylorista do trabalho – a fragmentação do trabalho, a separação entre concepção e execução, etc. – estariam sendo substituídos por novos princípios, que fundamentam as novas estratégias. Salientam-se, dentre eles, a crença no trabalho humano, que deve ser utilizado pela gerência em toda a sua potencialidade, e a valorização do homem diante do processo de racionalização. Desses princípios deriva a tendência à unificação de tarefas e ao aproveitamento das qualificações e do domínio técnico dos trabalhadores. Como você pode perceber, o novo paradigma técnico-econômico está relacionado tanto às inovações tecnológicas como às inovações organizacionais.



Refleta sobre os dois paradigmas apresentados ao lado e procure visualizar indícios de ambos em seu contexto de trabalho.

A leitura do texto permite-nos concluir, juntamente com a autora, que:

- *No taylorismo, há uma subordinação do homem ao processo de racionalização, convertendo-o num acessório vivo da máquina.*
- *A divisão do trabalho no taylorismo fragmenta o processo de trabalho, produzindo um homem mutilado, deformado pela execução sistemática de uma operação parcial.*
- *A divisão do trabalho, no paradigma taylorista de produção, separa as funções de concepção e execução, destituindo a maioria dos trabalhadores do saber produzido nas relações sociais no trabalho, gerando a desqualificação e a degradação do trabalho.*

Por outro lado, o novo paradigma técnico-econômico preconiza:

- *A flexibilidade como a característica fundamental do novo paradigma e possibilita mudanças tanto na produção (automação) quanto no mercado (qualidade e diversidade).*
- *A valorização do homem em face do processo de racionalização.*
- *A qualificação como um fator fundamental e estratégico para o processo de reestruturação produtiva.*
- *A integração dos trabalhadores como condição de participação, polivalência, diminuição da distância entre serviços de concepção e execução, diminuição da hierarquia.*



Elabore um texto sobre as novas tecnologias e a formação para o trabalho. Fundamente seu texto com pesquisas bibliográficas, com pesquisas na Internet e também com a leitura de textos disponibilizados no CD-ROM. Aproveite para ir catalogando materiais que poderão lhe ser úteis em suas intervenções futuras como monitor do projeto.



Antes de avançar na leitura do manual, não deixe de responder às questões propostas e de refletir sobre seu conteúdo. É importante que tais conhecimentos estejam bem sólidos para subsidiar a abordagem de questões futuras e para uma melhor compreensão dos conteúdos do curso.

As relações existentes entre trabalho, educação e qualidade de vida são bastante evidentes. A educação, como patrimônio do ser humano, instrumenta-o para bem direcionar-se no contexto do trabalho, influenciando positivamente sua qualidade de vida, tanto no trabalho quanto na família. Para solidificar conhecimentos a esse respeito, propomos a atividade ao lado.

Insistimos no estabelecimento de uma relação entre trabalho, educação e qualidade de vida. Para tanto, solicitamos que você responda às seguintes questões:

1. De que modo a educação pode contribuir para uma melhoria das condições objetivas e subjetivas do trabalho humano?
2. Como podemos promover a participação plena do trabalhador no contexto social delimitado pelo novo paradigma técnico-econômico?
3. O que significa “qualidade de vida”?
4. Que relações podem ser estabelecidas entre a qualidade de vida no trabalho e a qualidade de vida na família?
5. Como a educação pode influir na melhoria da qualidade de vida do indivíduo, tanto no trabalho quanto na família?

O que a empresa tem a ver com a família do trabalhador?

A leitura que você acabou de fazer certamente lhe trouxe alguns elementos conceituais sobre a nova configuração do sistema produtivo. Neste contexto, é evidente que as empresas têm que evoluir no sentido amplo do termo para conseguir manter-se competitivamente inseridas no mercado. E, apesar da referida crise em torno da formação para o trabalho e do próprio emprego da força de trabalho humana, é indiscutível que o trabalhador permanece como peça fundamental desse jogo.

Mas o trabalhador, enquanto pessoa humana, deve ser percebido em sua globalidade: tanto no trabalho quanto fora dele; tanto na empresa quanto na família. De fato, é inquestionável que a melhoria da qualidade de vida familiar do trabalhador está intrinsecamente relacionada com a sua qualidade de vida no trabalho, o que, por sua vez, afeta positivamente a produção. Assim sendo, a relação empresa/família implica em qualidade de vida tanto no ambiente empresarial quanto no familiar; implica melhor atuação e produtividade nos dois ambientes; implica melhoria global do indivíduo, não apenas como trabalhador, mas também como filho ou filha, esposo ou esposa, pai ou mãe. E isso deve estar na agenda de toda empresa comprometida não apenas com a produtividade, mas também com a cidadania, com o desenvolvimento social responsável e participativo.



Faça uma elaboração teórica, explicitando sua posição sobre esta questão.

Escreva alguns parágrafos sobre a responsabilidade social das empresas e sobre a relação existente entre qualidade de vida na família e qualidade de vida no trabalho.

Para formalizar melhor a compreensão da relação citada, abordemos agora alguns elementos teóricos sobre a questão da família, extraídos do manual “Ações Educativas e Preventivas na Empresa e na Família”, que integra o material didático do programa.

O debate internacional sobre a “crise da família”



1. O debate apresentado tem como referência, sobretudo, o caso dos Estados Unidos, e se beneficiou das discussões do Dr. Norval Glenn (Universidade do Texas, Austin) com a Dra. Ana Maria Goldani (Universidade Estadual de Campinas, Unicamp)

2. As famílias nucleares se constituem no modelo mais comum de arranjo familiar no mundo ocidental, em quase todos os estágios de desenvolvimento das famílias. São formadas pelo casal com ou sem filhos, ou pelo menos por um dos pais com filhos.

A importância da família como instituição social forte faz com que suas alterações sejam percebidas como uma ameaça para a sociedade. Assim, não é de se estranhar as posições extremas no debate internacional sobre a chamada “crise da família”. A polêmica maior gira ao redor da questão do declínio da família como instituição, que teria ocorrido e continuaria ocorrendo. As posições de conservadores, liberais e comunitários apresentam dimensões ideológicas e factuais importantes, e poderiam ser vistas no espectro que vai dos chamados “conservadores-tradicionais” aos “progressistas-individualistas”, passando pela facção chamada de “movimentos comunitários-centristas”.¹

Os chamados “conservadores” partem da definição de família como “um grupo relativamente pequeno de pessoas relacionadas por parentesco e/ou dependência, cuja função social seria a de procriação e socialização de crianças, provisão de afeto, cuidado e companhia, regulação sexual e cooperação econômica entre seus membros” (Popenoe, 1988). O declínio da família estaria ocorrendo devido ao seu enfraquecimento e à perda de suas funções para outras instituições. Ou seja, a família estaria com problemas e em crise.

As bases empíricas para essas afirmações seriam: a perda da autoridade paterna, o aumento da igualdade e a liberação feminina, secularização e permissividade sexual. Assim, para os conservadores, a família estaria se tornando cada vez mais especializada e hoje só cumpriria – cada vez com menos habilidade, duas tarefas centrais: a de criador dos filhos e de provedora de afeto e companhia para os seus membros. O familismo como valor cultural teria perdido força e as famílias nucleares,² onde as pessoas cada vez mais se pautam pelo individualismo, em breve estariam sendo substituídas por agências extrafamiliares na tarefa de criação dos filhos.

Entre os “progressistas” fala-se de famílias e não da família, e argumenta-se que mesmo tendo havido mudanças substanciais nas famílias, os compromissos básicos assumidos por elas não



Refleta sobre o papel de sua família em sua conduta profissional. Estabeleça relações entre sua qualidade de vida na família e sua qualidade de vida no emprego. Essas relações existem? São importantes? Por quê?

declinaram, ao contrário, estes até teriam se fortalecido. As bases empíricas desse argumento apontam para os esforços dos casais para que seus casamentos e relações funcionem e sejam felizes, observados através do aumento de casais em terapia (Skolnick, 1991). Para os progressistas, as famílias se diversificaram, mas eles contestam a relação com a ideia de crise da família. Sustentam que é a falta de perspectiva histórica de muitos que os conduzem à nostalgia e desejos de retorno a um modelo idealizado de família, bem como os impede de aceitar as famílias chefiadas por mulheres e os arranjos alternativos de uniões entre os sexos. As mudanças nas famílias não resultariam de um decaimento moral ou de uma cultura terapêutica individualista, como acusam os conservadores, mas seriam respostas e parte das mudanças sociais mais amplas.

O movimento “comunitário” supõe que um tipo de individualismo radical teria chegado a tal ponto nos Estados Unidos e em outros países industriais que estaria prejudicando as funções centrais da família. A família, concebida como instituição social, estaria se debilitando e cada vez sendo menos capaz de cumprir com suas seis funções básicas: procriar, socializar, oferecer afeto, governar a sexualidade, cooperar economicamente e promover o pluralismo. Eles apontam que o mais grave é que não haveriam alternativas institucionais substitutivas da família para cumprir com essas tarefas (Blankenborn et alli, 1990). No entanto, dizem que as famílias não estariam desaparecendo, mas o que estaria ocorrendo é que cada vez menos as famílias estariam cumprindo com o ciclo de desenvolvimento esperado (casamento, filhos, mães em casa tomando conta dos filhos, pai provedor, jovens deixando a casa para trabalhar e/ou casar, casais envelhecendo juntos e separando-se com a morte de um deles). Assim, para os “comunitários”, as famílias reconstituídas, cada vez em maior número, estariam criando novas normas de comportamento, adotando novos valores e condições de funcionamento, o que se oporia às regras sociais por muito tempo definidas, ou seja, diante das dificuldades e do stress de se adaptarem ao novo, elas acabariam por adotar novos valores. O valor da independência individual estaria sobrepondo-se aos



O texto a seguir procura situá-lo diante da questão no contexto brasileiro, cujo conhecimento é fundamental para orientar suas intervenções futuras como monitor do programa.

interesses coletivos, o prazer individual estaria substituindo a dedicação ao outro e os compromissos instrumentais sobrepondo-se aos compromissos intrínsecos.

Propostas explicativas para o Brasil



3. Esta discussão tem como referência maior o trabalho “As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação”, de Goldani (1993).

No Brasil, até os anos 70, os estudos sobre família tinham como referência teórica maior o modelo patriarcal clássico e os resultados de análises para famílias de camadas dominantes das áreas rurais realizadas até então e inspiradas em Gilberto Freire. A partir de uma revisão crítica desses estudos, a ênfase passa a ser nas famílias e/ou unidades domésticas de trabalhadores rurais e de camadas populares do meio urbano, famílias de camadas médias e até mesmo elites rurais, mas com outras perspectivas.³

As diferenças de metodologias e de teorias usadas para analisar famílias de classes trabalhadoras e das camadas médias responderiam sobretudo a diferentes questões. Por exemplo, para as classes trabalhadoras, as questões, na ótica da reprodução da força de trabalho, segundo Bilac (1990), seriam:

- a) Como as pessoas sobrevivem com tão baixos salários e más condições de vida em um contexto predatório da força de trabalho?*
- b) Como se reproduzem e quais as chances de participação social e elaboração cultural dessas classes?*

Já para as camadas médias, essas questões seriam de outra ordem:

- a) Como ocorrem as diferentes orientações de conduta na família e como se resolvem as contradições e conflitos entre os valores hierárquicos dos pais e gerações mais velhas e os valores individualizantes de filhos e gerações mais novas?*



Refleta sobre essas questões e procure contextualizá-las considerando seu ambiente imediato, sua família, as famílias de seus amigos. Trata-se de uma problemática complexa, não é mesmo?

b) Como ocorrem as continuidades e rupturas de comportamento entre os membros da família?

Os estudos realizados sugerem que, para a maioria das famílias brasileiras das chamadas camadas populares, são suas precárias condições de vida que, primordialmente, respondem pelas dificuldades destas “cumprirem” com o modelo culturalmente hegemônico e preferido pela maioria da população: casal com filhos vivendo em domicílio próprio (Woortmann, 1987; Bilac, 1978; Bilac, 1990). Ao tomarem a família como unidades de cooperação econômica, esses estudos tratam de estabelecer os vínculos de seus integrantes com a vida social, tanto em sua dimensão material como simbólica. As famílias mais pobres, sobretudo das periferias urbanas, vão se formando, expandindo e contraindo dentro de um quadro de precariedade das condições de vida que define suas opções. Assim, tanto o fenômeno de ampliação dos núcleos familiares, via integração de parentes ou não-parentes, como o incremento das famílias conviventes, via associação entre núcleos familiares, responderiam em grande medida pelos fatores concretos das condições de vida dessa população.

A variedade nos arranjos domésticos dos grupos populares, onde sobressai a presença de famílias monoparentais, e a quem se atribui uma maior instabilidade do vínculo conjugal, tem alimentado o mito da desorganização familiar entre os pobres. Arraigado entre os mais diferentes setores profissionais e/ou acadêmicos, esse mito adquire características de perversidade e estigma na medida em que influi no comportamento dos que nele acreditam e serve para desqualificar o pobre (Gomes, 1991). Na verdade, a avaliação de uma série de estudos empíricos mostra que nas famílias de trabalhadores urbanos ou rurais a preferência é pelo modelo nuclear conjugal, com elevado número de filhos, com uniões legais e duradouras, e onde as rupturas dessas famílias ocorrem, fundamentalmente, quando da incapacidade do homem de manter sua responsabilidade de provedor, seja por alcoolismo, migrações transitórias, etc. (Souza, 1989; Woortmann, 1987; Durban, 1982).

Organizadas ao redor do trabalho remunerado do homem-chefe e do trabalho doméstico da mulher-mãe, a maioria das famí-



Em sua opinião, o que constitui ameaça para as famílias dos trabalhadores? O que constituiria ameaça para sua família? Fatores internos? Fatores externos? Quais?



Como você interage com as informações ao lado? Que mudanças você identifica no conceito de família? E as relações entre homens e mulheres, estão se modificando? Pense no que ocorre em meios urbanos e em meios rurais. Contextualize, reflita, elabore, pesquise, construa conhecimentos a respeito.

lias de trabalhadores está permanentemente ameaçada pelos baixos salários e pelo desemprego, o que as leva a lançar mão do trabalho remunerado de mulheres, jovens e crianças. Ou seja, há um processo contínuo de reestruturação dessas famílias. Portanto, a idéia é que, como unidade de cooperação econômica, as famílias pobres “forçam e reforçam” a solidariedade entre seus membros e a busca da casa própria aparece como o grande projeto unificador (Telles, 1988; Bilac, 1990).

Já para as famílias brasileiras das camadas médias urbanas não seriam as restrições materiais que responderiam primordialmente pelos arranjos familiares alternativos, mas a insatisfação com o modelo hegemônico em um contexto de abertura do leque das opções individuais e dos estilos de vida. A despeito da diversificação entre os segmentos médios da população e da associação com os padrões de consumo de bens materiais e simbólicos, predomina o modelo nuclear conjugal entre as famílias (Romanelli, 1986; Bilac, 1990). Ao mesmo tempo, aumentam as experiências de vínculos afetivos-sexuais variados e com moradias separadas, o contingente de mulheres optando pela maternidade fora da união formalizada e a opção por um celibato mais prolongado ou mesmo definitivo entre os homens e as mulheres. As famílias das camadas médias estariam se tornando mais igualitárias na medida em que homens e mulheres são percebidos como iguais enquanto indivíduos, mas diferenciados pessoal e idiossincriticamente (Figueira, 1985).

Portanto, na linha das diferenças entre famílias nucleares de camadas populares e médias destaca-se a representação de tipos de famílias em cada um destes grupos sociais. Nas famílias de camadas médias, a lógica do individualismo substituiria a da solidariedade das camadas populares no processo de enfrentamento com a sociedade inclusiva (Bilac, 1990). De fato, o núcleo doméstico seria um locus de harmonia e os conflitos seriam vistos como rupturas e como ameaçadores do projeto familiar de ascensão social característico das camadas médias (Romanelli, 1986; Bilac, 1990).

Finalmente, ao examinar a idéia de crise da família no Brasil, observa-se que os discursos variam (Goldani, 1993). De um

lado, as pesquisas de opinião pública revelam uma percepção paradoxal: a família aparece como a instituição de maior confiabilidade para a maioria das pessoas, mas, ao mesmo tempo, cerca de 46% percebem como negativas as mudanças que vêm ocorrendo nas famílias. Essa percepção é reforçada pelo aumento das estatísticas sobre os diversos tipos de violência, os menores de rua e os crimes passionais, bem como parece estimulada pela mídia televisiva, que trata de mostrar o amplo leque de arranjos sexuais e estilos alternativos de vida.

No discurso de políticos profissionais e burocratas governamentais, as famílias aparecem associadas com crise e reestruturação do Estado, em particular quando se discute sobre seguridade social, direitos e responsabilidades constitucionais dos membros da família. Nesse caso, a linguagem sobre família aparece muito mais associada com a ordem estabelecida do que com as mudanças na sua estrutura, e acabam em um reducionismo demográfico. Ou seja, atribuem ao crescimento da população os problemas sociais e a crise da família.

Entre a maioria dos cientistas sociais e grupos feministas a ênfase é colocada nos processos de mudanças nas famílias, percebidas como parte de um processo mais amplo de transformações econômicas e sociais. Tal como outras instituições, as famílias estariam no limiar de transformações importantes, mas isto não significaria desagregação ou crise. Por exemplo, sustenta-se que é no processo de interação entre os ciclos individual e familiar, no contexto maior de mudanças sociais contínuas, que os arranjos familiares brasileiros vão se redefinindo. Haveria uma democratização da vida pessoal, que seria um processo menos visível, em parte por não ocorrer na área pública, mas que teria implicações profundas e onde as mulheres estariam desempenhando o papel principal (Guiddens, 1992).

Assim, essa perspectiva pressupõe que, paralelamente às mudanças na intimidade, as mudanças na família e nas relações entre seus membros refletem as relações sociais mais amplas, onde instituições como o Estado e a Igreja participam de forma importante. Além do que, considera que na configuração dos arranjos domiciliares combinar-se-ia uma situação de classe com restrições



É possível estabelecer relações entre as mudanças que ocorrem nas famílias e as mudanças que ocorrem no setor produtivo? Quais?

ou impedimentos, o que seria fundamental para entender e estabelecer os nexos entre as estruturas diferenciadas das famílias. Portanto, entre os defensores da idéia de que as famílias brasileiras estão perdendo importância como instituição e se encontram ameaçadas, os argumentos parecem oscilar entre dois estereótipos extremos. De um lado, uma família tradicional do passado, onde o casal com filhos e o grupo de parentesco se complementavam com agregados (família patriarcal rural) e, no outro extremo, uma família formada por um casal, com poucos ou sem filhos, vivendo sem parentes ou agregados (família nuclear urbana). Para os defensores da idéia de que não haveria desagregação ou crise, e tampouco substituição das famílias brasileiras por outras instituições, as mudanças caminham no sentido de um modelo mais informal e/ou mais democrático de relações entre seus membros, onde a interdependência das trajetórias individuais substitui o conceito de dependência e os arranjos familiares tomam novas formas, tamanhos e significados (Goldani, 1993).



Atenção! O conhecimento da situação brasileira é fundamental para nortear sua atuação como monitor do programa SESI Empresa & Família Qualidade de Vida. Leia com atenção o texto e não deixe de marcar palavras-chave, de elaborar idéias, de procurar bibliografia complementar. Lembre-se: você é o principal agente de sua aprendizagem.

O regime demográfico atual e famílias

Um Brasil crescentemente urbano, e com ciclos econômicos variados, é marcado por profundas transformações sociais, demográficas, econômicas e comportamentais nestas últimas décadas. Nesse processo de mudanças, a família participa ativa e intensamente, e suas estruturas refletem a emergência de novas formas de relações entre os sexos e de expressões de afetividade. A rapidez e os níveis das mudanças, gerando um contexto novo de oportunidades e necessidades sociais, responderiam pela aceitação de valores e confrontos intergeracionais que ultrapassam as expectativas. Há um enfrentamento entre o “consumo” de aspectos inovadores no nível das relações individuais e um padrão “ideal” de relações intrafamiliares que permanece orientando os membros da família (Dauster, 1985; Almeida, 1987). A adequação entre valores e práticas sociais ocorre de forma extremamente desigual e parece que são os indivíduos das camadas médias urbanas e profissionais liberais os que primeiro buscam alternativas fora dos padrões institucionalizados e numa linha mais individualizante (Salém, 1985). Há uma dissolução das fron-



Contamos com sua motivação intrínseca, com sua criatividade e com sua perseverança na abordagem deste tema fascinante e fundamental para a construção de uma compreensão crítica da sociedade contemporânea.

Trata-se de um conhecimento novo, que certamente agregará valor e dinamismo à sua própria formação, preparando-o para intervir como monitor do programa e para orientar, na mesma direção, os futuros multiplicadores.

teiras rígidas do “duplo padrão de moralidade” e surgem os modelos alternativos de relações entre os sexos e intrafamiliares que alimentam a discussão da chamada “nova família” (Figueira, 1985).

Participante de um processo de mundialização, não só econômico mas também cultural, que se consolida nos anos 90, o Brasil recebe influências e sofre o impacto dos movimentos de grupos que lutam para afirmar sua identidade. Foram as mulheres, os índios, os pobres urbanos, os negros, os jovens e, agora, também os idosos. No movimento crescente de afirmação da singularidade, esses grupos marcam seu espaço público, e no privado reforçam a família, pois afinal é nela que se forjam suas identidades e trajetórias. Assim, emerge uma variedade de famílias: a “Família das Mulheres”, a “Família Negra”, a “Família do Jovem”, a “Família do Idoso”, etc.

O regime demográfico, resultante do mesmo processo de transformações em curso no país, surge como elemento importante para as famílias brasileiras contemporâneas. A chamada revolução demográfica brasileira ocorre a partir dos anos 40 e vem marcada por acentuadas quedas nas taxas de fecundidade e mortalidade e pela chamada transição epidemiológica, ou seja, por mudanças no perfil das causas de morte. Entre 1940 e 1996, a população quase quadruplicou, passando de 43 milhões para 160 milhões de habitantes; a esperança de vida ao nascer para ambos os sexos aumentou de 44 para 68 anos; e a taxa de fecundidade total diminuiu de 6,3 para 2,5 filhos por mulher. As doenças infecciosas e parasitárias, que no início do período respondiam por quase metade dos óbitos, passam a representar apenas 10% do total de óbitos. O perfil das causas de morte por idade mostra um deslocamento dos óbitos para idades mais avançadas, aumentando a proporção deles por doenças crônico-degenerativas (aparelho circulatório e as neoplasias). Mas isso vem acompanhado, também, de um aumento da mortalidade por causas externas e violentas (homicídios, acidentes de trânsito, etc.) e ainda por uma expressiva proporção de mortes classificadas como de “causas mal definidas”. Esses são resultados médios de tendências regionais de mortalidade,

4. Para efeito de análise, foram classificadas como em fase de “formação ou expansão” aquelas famílias formadas por casais sem filhos, onde o(a) chefe do domicílio ou o cônjuge tinha menos de 36 anos, e por casais com filhos menores de 13 anos. Em fase de “consolidação”, as famílias onde o filho maior do (a) chefe tinha entre 13 e 18 anos.

Fase de “contração”, as famílias cujo filho do (a) chefe tinha 19 anos ou mais; e a fase do “ninho vazio” onde havia um casal sem filhos e o cônjuge tinha mais de 35 anos e não tinha filhos vivendo com eles. Os dados estatísticos foram agregados a partir de tabelas de Arriagada (1997).

fecundidade e migrações muito diferenciadas.

A estrutura por idade da população, ainda predominantemente jovem no Brasil, faz com que a grande maioria das famílias se encontre nas etapas de formação e expansão. Entretanto, as rápidas mudanças demográficas, com a acentuada queda da fecundidade e um aumento das expectativas de vida, alteram rapidamente as estruturas etárias e por sexo, ajudando a redefinir as etapas do ciclo vital familiar. Assim, a proporção das famílias identificadas nos diferentes estágios de seu ciclo de desenvolvimento⁴ alterou-se profundamente nas últimas duas décadas. A tendência é de uma distribuição maior das famílias em todas as fases do ciclo vital, ainda que a concentração maior destas continue sendo na fase de “formação e expansão”. Em 1993, ao redor de 42% das famílias encontravam-se na sua fase de “formação ou expansão”, 20% na fase de “consolidação”, 30% na fase de “contração” e apenas 8% estavam no chamado “ninho vazio”.

No conjunto das transformações demográficas ainda se destacam como fatores determinantes para as mudanças nas estruturas familiares: o alargamento das diferenças de mortalidade por sexo, favorável às mulheres em seis anos; uma diversificação nos tipos de união, com as uniões não-legais representando hoje quase 1/4 das uniões; e o incremento das separações e divórcios, que dobraram em termos absolutos na última década. Essas novas condições de reprodução das famílias brasileiras, junto com a maior longevidade de seus membros, têm implicações fundamentais para as trajetórias individuais e familiares. Os brasileiros aumentaram as chances de passar mais tempo como membros de uma ou mais famílias, quer no papel de pai, mãe, filhos, esposos, avós, etc. Isso propicia uma superposição de papéis, bem como a convivência de diferentes gerações com efeitos importantes sobre a definição das relações e responsabilidades no interior das famílias (Goldani, 1997).

Sem dúvida, há relações intrínsecas entre a questão da família e a questão do trabalho. O trabalhador deve ser percebido em sua integralidade, o que implica a consideração da pessoa no trabalho e no lar. Você mes-

mo, em atividade anteriormente proposta, refletiu sobre o papel de sua vida familiar em sua qualidade de vida no trabalho. Considerando o exposto, podemos agora retomar a apresentação do curso e de seu conjunto de materiais didáticos, avançando na compreensão de seus objetivos.

Objetivos visados



Como enfatizamos logo no início deste módulo, você, na condição futura de monitor, tem um papel fundamental no êxito da iniciativa. Por outro lado, em sua condição atual de aluno em formação continuada, você tem também um papel importante na construção dos conhecimentos de que necessitará para nortear sua atuação futura no meio empresarial.

O principal objetivo deste material didático é formar monitores para o programa **SESI Empresa & Família Qualidade de Vida**. A aliança estratégica entre o SESI e o FNUAP, que gerou o referido programa, para manter-se sólida e produzir resultados efetivos no meio empresarial, tanto junto ao trabalhador como ao empresário, precisa contar com a sua participação. O curso procura sensibilizá-lo com relação à temática proposta, dar-lhe instrumentos para abordar os conteúdos a serem trabalhados e também para procurar outras parcerias, desta vez no meio empresarial, para que o processo de formação continuada dos trabalhadores tenha lugar.

Procuramos estruturar este curso de modo que o mesmo o situe em uma dinâmica de aprendizagem interativa, integrada e motivadora. Por tratar-se de um mecanismo de autoformação continuada, o sucesso das aprendizagens é diretamente proporcional à sua motivação, à sua participação e ao seu interesse.

O material didático que você tem em mãos foi concebido de forma a não necessitar de nenhum enquadramento docente, acompanhamento tutorial ou atividade de monitoria. Portanto, repetimos: você é o principal agente de sua própria formação e deve valorizar sua autonomia ao longo de todo o processo formativo. Os criadores do material didático e do programa também participam da iniciativa e estão integrados nessa relação educativa.

A estrutura do curso

O tema do projeto é, evidentemente, amplo e complexo, e, tendo em vista sua natureza estratégica, foi situado entre as prioridades da Unidade de Negócio Promoção à Cidadania do SESI-DN, e conta com o apoio do Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP) para disponibilizar um material didático especialmente concebido para formar monitores desta idéia simples e impactante, construída em torno da relação empresa, família e qualidade de vida.

A questão da qualidade de vida na família é abordada por meio de quatro temas distintos e complementares, todos alicerçados em torno da noção de saúde reprodutiva:

1. Planejamento Familiar, Paternidade e Maternidade Responsáveis
2. Prevenção em DST/AIDS
3. Relações de Gênero
4. Autocuidado

Ao longo do curso, cada um desses temas será abordado de modo a favorecer a construção de conhecimentos sólidos, significativos e pertinentes, que permitam ao monitor interferir adequadamente no meio empresarial, dirigindo-se a grupos de trabalhadores numa perspectiva de formação continuada. Além disso, você também terá acesso a uma série de referências bibliográficas e indicações de sítios pertinentes na Internet, os quais podem lhe proporcionar oportunidades de autoformação e de aprofundamento na temática do curso. Um tópico complementar sobre marketing lhe instrumentará com conhecimentos de base necessários para que você, na condição de parceiro do programa, dirija-se a empresários propondo-lhes adesão ao mesmo.

Um outro tópico complementar abordará o tema da prevenção do uso de drogas, questão igualmente importante a ser considerada, tendo em vista seus impactos na vida familiar e laboral.

Uma vez que tenha acesso ao sítio do curso, disponibilizado na Internet, você terá ao seu dispor informações sobre cada tema, que servirão de subsídio para a sua autoformação como monitor do projeto.

Considerações gerais sobre o programa SESI Empresa & Família Qualidade de Vida

A principal justificativa para a promoção deste programa está no cruzamento de dois eixos fundamentais. Por um lado, a missão institucional do SESI, que está empenhado em desenvolver, nas suas áreas de atuação – educação, saúde e lazer – centros de excelência na prestação de serviços às empresas do setor industrial, de modo que os produtos e serviços que hoje oferece encontrem no empresário um forte apelo, dada a relação custo/benefício gerada pelo investimento feito na dimensão social da produção. Por outro lado, a idéia de que um dos fatores importantes para o bom desempenho profissional do trabalhador é a manutenção de sua qualidade de vida, traduzida no equilíbrio das diversas dimensões que o envolvem, principalmente no que diz respeito à saúde e ao estilo de vida pessoal e familiar.

Conforme já enfatizamos, o curso é destinado a monitores do programa, que assumem assim o papel de colaboradores em sua difusão junto a um grande número de trabalhadores em todo o país. Para facilitar o acesso a todo o material didático disponibilizado, foi concebido um ambiente educativo multimediatizado para educação autônoma e a distância, composto por um *mix* de meios didáticos que se integram em torno de um mesmo fio condutor: a construção de conhecimentos sobre os quatro segmentos listados anteriormente.

Os meios didáticos empregados são:

1. Este **manual orientador**, com a apresentação geral do curso, da estratégia de educação a distância, do papel do monitor e da dinâmica didática proposta. O manual poderá também ser impresso à partir do sítio do curso, por meio do ícone correspondente;
2. Um conjunto de **fichas de auto-avaliação** (duas por tema), nas quais questões lhe serão propostas, na perspectiva de conduzi-lo a aprofundar conhecimentos por meio de leituras e pesquisas autônomas;
3. Um **curso virtual**, onde os quatro temas a serem desenvolvidos são apresentados aos alunos, sempre em uma dinâmica problematizadora, construtivista e experiencial.
4. Um **CD-ROM** com todo o conteúdo do programa (manual orientador, curso virtual, manuais do monitor e do multiplicador e orientações para pesquisa de impacto do desenvolvimento do programa).

Enfatizamos mais uma vez que se trata também de um curso a distância, em que o aluno tem um importante papel a desempenhar na construção de seu próprio conhecimento, investindo seu interesse pessoal, sua motivação intrínseca, sua autonomia para aprender e para gerenciar o seu próprio tempo.

Alguns elementos teóricos sobre a condução do curso

A proposta elaborada para a formação dos monitores envolve uma estratégia de autoformação em que você, na condição de aluno, é ator fundamental. A dinâmica delimitada para que você interaja com os conteúdos propostos é a seguinte. Por meio do curso virtual na Internet, você tem acesso aos conteúdos e ao material



A autonomia é, sem dúvida, um pré-requisito importante para a construção dos conhecimentos propostos neste curso. Mas há também a motivação, a responsabilidade e o interesse. Lembre-se sempre disso!

de estudo e aprofundamento. O curso virtual foi concebido de modo a situá-lo em uma dinâmica interativa instigante e motivadora. Cada tema tratado vem acompanhado de explanações sobre meios e materiais didáticos e de atividades de auto-avaliação.

Este curso é, portanto, um instrumento de formação continuada, autônoma e a distância.

Para apoiar o desenvolvimento do programa, o aluno-monitor terá à sua disposição uma equipe de referência na Gerência da Unidade de Negócio Promoção à Cidadania do SESI-DN, para esclarecer dúvidas, dirimir questões relativas ao conteúdo e efetuar avaliações para efeito de certificação final.

O acompanhamento tutorial será efetuado por técnicos do SESI-DN, que se ocuparão de grupos de 21 alunos e que poderão ser contactados por fax, correio eletrônico e telefone. Outros meios de interatividade serão também disponibilizados, tais como fóruns de discussão para aprofundamento nos temas do programa.

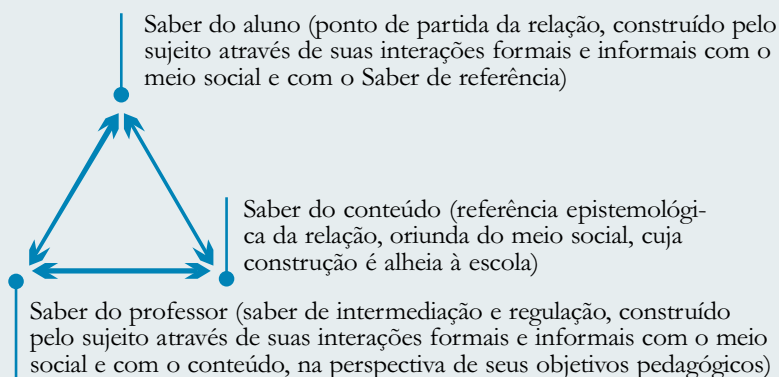
Pequena abordagem teórica sobre a aprendizagem humana

A aprendizagem humana está intrinsecamente relacionada com a associação de conhecimentos já obtidos com conhecimentos novos. Trata-se de um fenômeno altamente complexo que tem lugar, na perspectiva da educação formal, em relações educativas.

A relação educativa pode ser definida como sendo uma dinâmica comunicacional complexa entre dois indivíduos, um formador e um formando, tendo como objeto um determinado corpo de conhecimentos. Nesse contexto, o formador é continuamente chamado a estabelecer interações entre saberes múltiplos, oriundos dos parceiros da relação e do meio social. Tais relações delimitam o que Chevallard (1986) denominou de Triângulo didático (figura 1):

Chevallard, Y. (1991). La transposition didactique du savoir savant au savoir enseigné. Grenoble (França): La Pensée Sauvage.

Figura 1: Representação do Triângulo Didático



Na medida em que desempenha sua função reguladora e intermediadora entre o saber do aluno e o saber do conteúdo, o formador age como um elo entre conhecimentos formalmente delimitados (em função de premissas científicas, tecnológicas e sociais) e versões didáticas desses mesmos conhecimentos (em função de premissas pedagógicas inerentes ao processo de ensino–aprendizagem). Nessa dinâmica de transposição didática de saberes, o formador tem a responsabilidade de assegurar que saberes formais sejam traduzidos segundo versões didáticas adequadas e válidas, suscetíveis de serem tratadas como matéria de ensino e como objeto de aprendizagem e, principalmente, suscetíveis de serem interiorizadas pelo aluno sob a forma de saberes efetivos, de serem empregadas na aquisição de conhecimentos novos e de serem transferidas para situações externas à relação educativa. Nesse contexto, o processo de transposição didática tem como objetivo principal a retenção, por parte do aluno, dos saberes trabalhados pelo formador durante o diálogo pedagógico e que têm o meio social como origem e como fim; e reter conhecimentos, isto é, aprender corresponde a um fenômeno rico em dimensões, que tem como eixo central a reconstrução e o armazenamento de novas aquisições.



Após a leitura deste texto, procure imaginar-se na condição de formador atuando junto a trabalhadores, como monitor deste programa. Imagine como se darão as relações educativas, qual o seu papel, o do aluno-trabalhador e o dos conhecimentos a serem articulados.



Desenvolva uma pesquisa detalhada sobre diferentes concepções de aprendizagem (comportamentalista, construtivista, ausubeliana, sócio-interacionista, etc.). Pesquise tanto em fontes bibliográficas quanto na Internet. Por exemplo, o sítio <http://www.ufv.br/dpe/edu660/teorias.htm> trata do tema. Elabore uma tabela comparativa das características de cada concepção.

sições conceituais na memória do aluno.

Ora, essa relação estreita entre ensinar e comunicar conhecimentos, em vez de simplesmente apresentá-los aos alunos, ou entre a educação e a comunicação, tem repercussões importantes sobre o modo de funcionamento da relação pedagógica e sobre a dinâmica geral do processo de transposição de saberes, tendo em vista a grande quantidade de informações atualmente disponível na sociedade, a velocidade sem precedentes com que novos conhecimentos são continuamente construídos e as interações cotidianas que os indivíduos estabelecem com as novas mídias. Tais repercussões são especialmente relacionadas com a otimização do investimento cognitivo que o aluno faz para adquirir novos conhecimentos e integrá-los como saberes a longo prazo ou efetivos. Nesse contexto, o material didático tem um papel primordial a desempenhar, facilitando e organizando os procedimentos e estratégias empregadas por formadores e formandos na comunicação e na construção de saberes.

E a aprendizagem nisso tudo?

O conceito de aprendizagem certamente se relaciona com a interação do indivíduo com conhecimentos inéditos, que ele incorpora em função de sua significância, de sua validade e de sua pertinência, tanto do ponto de vista coletivo quanto do ponto de vista individual. Tal processo pode ocorrer tanto em situações convencionais de ensino–aprendizagem, quanto em situações de auto-aprendizagem, como lhe é proposto neste curso. De fato, e como já salientamos diversas vezes, sua participação neste projeto, primeiramente como aluno e depois como monitor, está condicionada à sua inserção em processo de formação continuada, autônoma e a distância, delimitado pelo material didático que lhe está sendo disponibilizado. Vejamos algumas considerações a esse respeito.

Aprendizagem e educação a distância



Segundo Eduardo Chaves, podemos classificar as aplicações pedagógicas das tecnologias em três categorias: apoio ao ensino presencial, apoio ao ensino a distância, apoio à auto-aprendizagem. Leia o texto “Tecnologia na Educação: Conceitos Básicos” de Eduardo Chaves, no sítio do Edutecnet e procure compreender essa classificação e posicionar-se a respeito. O sítio, cujo endereço é www.edutecnet.com.br, é um fórum aberto de discussões sobre o tema das tecnologias na educação.

A aprendizagem é um fenômeno constante em nossas vidas. Aprendemos sempre, todo o tempo, em todos os momentos. Aprender a aprender é parte importante de nossa existência, tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista coletivo, permeando nossas relações sociais e nossas interações com nós mesmos e com nossos semelhantes.

Normalmente, quando falamos em educação formal, nos referimos e pensamos imediatamente na escola, na relação educativa presencial. No caso deste programa, a relação educativa proposta não é presencial, mas inteiramente virtual, à distância e demanda sua total autonomia enquanto aluno e sujeito capaz de interagir com conhecimentos e de reconstruí-los, ressignificá-los, re-dimensioná-los.

Você se lembra do triângulo didático mostrado anteriormente? Reconsidere-o sem um de seus pólos: o professor e seu saber de intermediação e regulação.

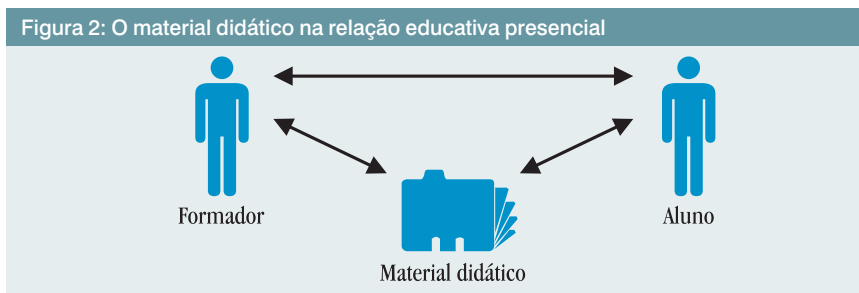
Será fácil constatar que o papel do aluno, então responsabilizado pela intermediação e pela regulação, assume uma dimensão estratégica para o sucesso das interações com o saber do conteúdo. Pois bem, estamos falando de educação não-presencial, de educação a distância. Mais ainda, estamos falando de educação autônoma, cujo sucesso depende de diferentes fatores:

- Grau de motivação intrínseca do aluno;
- A qualidade da educação formal recebida e a experiência prévia do aluno em educação a distância;
- Especificidades de seus estilos de aprendizagem e de personalidade;
- Apoio recebido na família e no trabalho;
- Significância, pertinência e validade do conteúdo do curso;
- Interatividade com instrutores e colegas.

Outras condições poderiam aqui ser enunciadas, mas nosso objetivo é ressaltar que há muitos fatores externos ao aluno que contribuem para o seu sucesso em um sistema de educação a distância. Mas, nada pode ser feito sem seu **envolvimento** pessoal, sem seu **interesse** e sem sua **motivação**.

A educação a distância pressupõe a instauração de uma relação educativa não-presencial, em que alunos e professores não interagem no mesmo espaço físico. No caso da educação presencial, o material didático tem o seu papel de apoio bastante evidenciado à medida que ele é empregado pelo professor para dinamizar suas intervenções, para exemplificar situações e objetos de aprendizagem, para motivar os alunos a persistirem na relação educativa. Isso ocorre em paralelo à comunicação direta estabelecida entre formador e aluno, conforme explicitamos na ilustração a seguir.

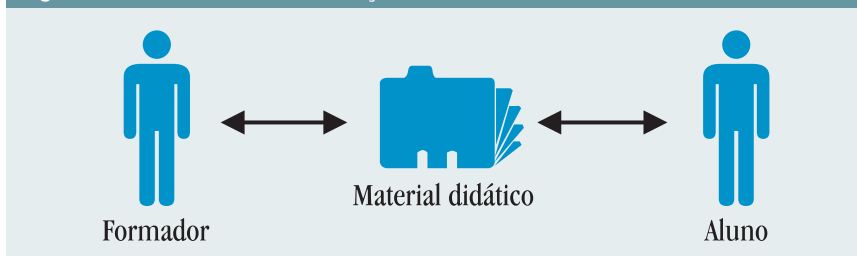
Figura 2: O material didático na relação educativa presencial



Nesse caso, excluído o material didático, a relação educativa ainda é viável, e formador e aluno podem avançar na comunicação pedagógica por outras vias. A relação educativa presencial permite então que o professor “improvise” soluções, substituindo recursos, adequando métodos, servindo-se de oportunidades não previstas, integrando colaborações dos alunos, etc. Em se tratando de educação a distância, o material didático assume um papel de maior envergadura e de menor flexibilidade, na medida em que, distanciados da presença física do emissor de mensagens pedagógicas, os alunos têm

nos recursos mediadores o principal, senão o único, elemento instigador de interações com os conteúdos veiculados. Evidentemente, é importante considerar que em muitas situações de educação a distância podem ocorrer, com maior ou menor intensidade, interações diretas entre formador e aluno e entre os próprios alunos, sobretudo se considerarmos as possibilidades interativas oferecidas pelas novas tecnologias de comunicação e de informação. O material didático para educação a distância condiciona a intervenção didática de tal modo que é preciso que haja uma estreita relação entre o conteúdo e a forma. Em outras palavras, a flexibilização do material didático para educação a distância é inversamente proporcional à distância entre emissores e receptores. Igualmente, quanto maior for o número de alunos, menores serão as possibilidades de ajuste no material didático, uma vez iniciadas as interações.

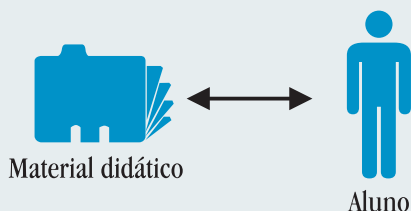
Figura 3: O material didático na relação educativa a distância



No caso deste processo de formação de **monitores**, a situação é ainda de outra natureza, tendo em vista que se trata de um sistema de formação baseado na total **autonomia** do aluno para interagir com o material didático concebido e para construir conhecimentos. Em síntese, você, enquanto aluno, tem um papel fundamental nesse processo formador que se inicia, atuando principalmente como gestor de sua aprendizagem. Evidentemente, a questão da autonomia se aplica à educação presencial, mas ela passa a ser fundamental no caso da educação a distância, especialmente se se trata de um

mecanismo de educação continuada onde não há a participação de formadores ou tutores.

Figura 4: O material didático na relação educativa autônoma



Eis portanto, algumas dicas para que você aproveite bem o material didático proposto e o curso como um todo:

- Planeje e organize o tempo que você dedicará à sua aprendizagem;
- Estabeleça um ritmo regular de estudos;
- Realize com comprometimento as atividades propostas;
- Tenha compromisso, disciplina, dedicação, empenho e determinação;
- Procure sempre ir mais longe e aprofundar os temas tratados;
- Assuma uma postura crítica, posicionando-se e interagindo ativamente com os conteúdos propostos.



Observe a si mesmo como “aluno a distância” e, a partir da experiência que você está vivenciando, indique outras funções que, em sua opinião, as novas tecnologias de comunicação e informação devem e podem cumprir.

No mais, desejamos a você êxito e sucesso neste empreendimento, tanto como aluno como, mais tarde, como monitor. Esperamos que você tenha compreendido os objetivos do programa e “vestido a camisa”, fazendo deles objetivos pessoais.

O sucesso do programa depende de sua intervenção e participação.

O curso é auto-explicativo e, para começar, basta acessar a Internet e dirigir-se ao material didático virtual, localizado no seguinte endereço: <http://intranet.sesi.org.br>. Contamos com você!



FNUAP
Fundo de População
das Nações Unidas

Leonor Barreto Franco
Presidente do Conselho Nacional

Rosemary Barber-Maddeh
Representante do FNUAP no Brasil

Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Diretor do Departamento Nacional

Kátia Amorim
Oficial de Programas

Rui Lima do Nascimento
Diretor-Superintendente

Otto Euphrásio de Santana
Diretor-Técnico

Humberto Meneses
Diretor de Desenvolvimento

